
APRESENTAÇÃO

Para o presente número contamos com onze artigos que versam sobre a temática do trabalho e dos movimentos sociais nas suas diversas formas de manifestação territorial, e um artigo escrito especialmente para refletir as pautas e os desdobramentos do Movimento de Greve que completou 117 dias no âmbito das universidades estaduais paulistas.

Fernando Mendonça Heck, Franciele Aparecida Valadão, Jane Rosa da Silva e Washington Paulo Gomes, membros do Comando de Greve instituído na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT)/UNESP/Presidente Prudente, desde 26 de maio de 2014, oferecem aos leitores reflexões sobre o processo de unificação dos três segmentos que constituem a Universidade, ou seja, estudantes, servidores técnico-administrativos e professores, em torno dos princípios que estão norteando a organização das ações em nível local, bem como influenciando nas discussões e nos rumos da condução do Movimento de Greve das universidades públicas paulistas. Ademais, o artigo expressa o relato militante, da vivência e da práxis dos autores na condução das atividades no âmbito do Comando de Greve.

O segundo artigo, de Francilene Soares de Medeiros Costa, discute as dificuldades da implementação efetiva da Política Nacional de Saúde do Trabalhador, mostrando como há grandes insuficiências na captura dos dados do Sistema Nacional de Notificação (SINAN) a partir de um estudo de caso em Castanhal (PA).

Em seguida, temos a contribuição de Rafael Freire de Paula que através de um estudo empírico sobre o deslocamento dos trabalhadores de duas empresas de Presidente Prudente (SP) objetiva demonstrar como a organização atual do transporte/deslocamento das empresas funcionam como elemento da precarização e controle do trabalho.

A quarta publicação é de Herodes Beserra Cavalcanti, que procura defender a tese de que no segmento supermercadista desde a década de 1990 ocorrem transformações significativas nas formas de gestão do trabalho que resultam na intensificação do trabalho, analisando o estudo de caso com os trabalhadores dos supermercados Extra e Pão de Açúcar.

Tássio Barreto Cunha e Marcelo Dornelis Carvalhal, autores do quinto artigo, partem do princípio no qual a mercantilização da terra, água e trabalho são os pilares responsáveis pela expansão do capital no campo na contemporaneidade e conseqüentemente dos intensos conflitos territoriais, partindo de um estudo sobre a transposição do Rio São Francisco.

O sexto artigo, de autoria de Silas Rafael da Fonseca e Antonio Thomaz Junior, trata do assalariamento de camponeses no Assentamento São Joaquim, em Selvíria (MS). O argumento dos autores é que o assalariamento é uma estratégia de reprodução camponesa já que parte dos salários é utilizada para a manutenção da família no lote, inserindo ainda a discussão de que o trabalho

desses camponeses não pode ser inserido apenas como uma forma de sujeição ao capital, mostrando que ele vive uma dicotomia entre ser camponês e assalariado na busca de melhores condições de vida na terra e manutenção do seu modo de vida.

A sétima contribuição de Eduardo Rozetti de Carvalho e Vicente de Paulo da Silva, aborda o avanço dos empreendimentos sucroalcooleiros na sua relação de regulação entre o pequeno produtor e o capital, defendendo que se configura numa relação de trabalhador para o capital, a partir da realidade do Pontal do Triângulo Mineiro (MG).

Já o oitavo artigo, aborda um dilema da juventude camponesa: permanecer ou sair do campo? De autoria de Luciano Benini de Oliveira, Diógenes Rabello e Carlos Alberto Feliciano, o texto se propõe desvendar os motivos pelos quais os jovens estão deixando o campo a partir da realidade do Assentamento São Bento em Mirante do Paranapanema (SP).

O nono artigo de Talita Sgobi Martins e Rosemeire Aparecida de Almeida também refere-se à questão de gênero com o objetivo de mostrar a luta das mulheres camponesas, que por meio da produção doméstica viabiliza a reprodução da família, bem como, sob a perspectiva do feminismo defende a luta das feministas como importante forma de obter conquistas na sociedade patriarcal.

Mara Edilara Batista de Oliveira e Jorge Ramón Montenegro Gómez, oferecem reflexões sobre a educação do campo na perspectiva de problematizar o Programa Projovem Campo – Saberes da Terra, sobretudo devido ao distanciamento costumeiro da realidade dos sujeitos sociais envolvidos.

Por fim, o último artigo de Júlio César Ribeiro foca na instalação da maior Unidade de Fertilizantes Nitrogenados da América Latina, em Três Lagoas (MS), a partir da perspectiva da exploração dos trabalhadores, da negligência dos direitos trabalhistas e da piora da qualidade de vida.

Como de praxe, convidamos todos os nossos interlocutores para a leitura crítica dos textos desse número da Pegada, e encerramos com uma frase que nos colocou em movimento no momento da greve nas estaduais paulistas:

“Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”

(Rosa Luxemburgo)

Boa leitura!